

GUERREIRO RAMOS E A FENOMENOLOGIA: REDUÇÃO, MUNDO E EXISTENCIALISMO

Diego Luiz Teixeira Boava*
Fernanda Maria Felício Macedo**
Elisa Yoshie Ichikawa***

Resumo

Partindo-se de um referencial fenomenológico-hermenêutico, busca-se neste artigo interpretar os escritos de Guerreiro Ramos a partir do ano de 1957, com o objetivo de apresentar e discutir os conceitos fundamentais fenomenológicos que o autor usou em seus trabalhos. Para tal, faz-se uma apresentação preliminar da fenomenologia e do método fenomenológico empregado. Demonstra-se que Guerreiro Ramos, ao elaborar sua obra, valeu-se de três pilares oriundos da fenomenologia: redução (de Husserl), mundo (de Heidegger) e existencialismo (de Sartre). Ademais, explana-se que não é possível dizer que o autor foi fenomenólogo, mas sim um sociólogo engajado, que visava a transformação social.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Fenomenologia. Redução fenomenológica. Husserl. Heidegger. Sartre.

Guerreiro Ramos and the Phenomenology: reduction, world and existentialism

Abstract

Guerreiro Ramos's writings, produced from 1957, are analyzed through phenomenological and hermeneutic parameters to present and to discuss the phenomenological basic concepts that the author used in his works. A phenomenology and the phenomenological method are first provided. Guerreiro Ramos made use of the three pillars of Phenomenology, namely Husserl's reduction, Heidegger's world and Sartre's existentialism when he undertook to write his literary works. It has to be emphasized that the author cannot be thought of as a phenomenologist but rather a committed sociologist who desired social transformation.

Keywords: Guerreiro Ramos. Phenomenology. Phenomenological reduction. Husserl. Heidegger. Sartre.

**Doutorando em Administração pela Universidade de Lavras – UFLA. Prof. da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Endereço: Depro, Escola de Minas da UFOP, Campus Universitário. Ouro Preto/MG. CEP: 354000-000. E-mail: profboava@yahoo.com.br*

***Doutoranda em Administração pela Universidade de Lavras – UFLA. Profª da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. E-mail: profmacedo@yahoo.com.br*

****Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Profª da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Email: evichikawa@uem.br*

Introdução

Que importância têm a fenomenologia e o método fenomenológico nos escritos de Guerreiro Ramos? Quais os principais aspectos fenomenológicos do autor? Neste artigo, pretende-se responder a essas e outras questões para trazer novas contribuições para o entendimento sobre o autor. Trata-se, portanto, de um trabalho que traz à tona aspectos e dimensões pouco exploradas até então: Guerreiro Ramos, devedor do “modo” fenomenológico de ver e compreender o mundo.

Desta forma, o objetivo do presente artigo é interpretar os escritos de Guerreiro Ramos a partir do ano de 1957, apresentando e discutindo os conceitos fundamentais fenomenológicos que o autor usou em seus trabalhos. Para tal, fazendo uso da fenomenologia e do método fenomenológico hermenêutico, busca-se desvelar três conceitos utilizados por Guerreiro Ramos em seus escritos: redução, mundo e existencialismo. Afinal, não é possível elaborar uma análise desta monta a não ser em razão de necessidades específicas de questões bem delimitadas e fazendo uso de uma metodologia que investigue as “coisas por elas mesmas”. Fenomenologia é *Phainomenon* + *logos* (φαινόμενον + λόγος), que significa “discurso sobre aquilo que se mostra como é”.

Assim, pretende-se apresentar e discutir os conceitos fundamentais fenomenológicos que o autor usou em seus trabalhos. Busca-se o entendimento das apropriações e transformações subseqüentes que Guerreiro Ramos fez a partir da fenomenologia. Isso é especialmente importante em virtude de as pesquisas já efetuadas analisarem Guerreiro Ramos de forma a privilegiar aspectos particulares de sua obra, a saber: organizações (SERVA, 1996; KAMEL, 2000; ANDREWS, 2000; VENTRIS; CANDLER, 2005; BONDARIK, 2007; PETERS, 2005); divergências intelectuais (MATOS, 1996; MAIO, 1997; BARIANI JR., 2003; HECKSHER, 2004; MARTINS, 2008), estudos de raça (BARBOSA, 2004; MAIO, 1996; CANDLER, 2002, CARVALHO, 2008), nacionalismo (RAGO, 1992; GUANABARA, 1992; SOUZA, 2000, ABRANCHES, 2006), política, desenvolvimento, instituições e sociedade brasileira (SOUZA, 2009; BARIANI JR., 2008; CRUZ, 2005; TOLEDO, 1997; 2005) e humanismo (AZEVEDO, 2006).

Fenomenologia: filosofia e método

Esta pesquisa consiste da leitura e interpretação fenomenológica hermenêutica da seleção de trabalhos produzidos por Guerreiro Ramos, a partir do ano de 1957 (GUERREIRO RAMOS, 1957; 1958; 1963; 1965; 1966; 1981; 1983; 1995; 1996). Para discorrer sobre o método fenomenológico empregado e poder haver adequada compreensão em relação à temática deste estudo, é fundamental discutir a fenomenologia e, assim, compreender o que Guerreiro Ramos “estudou” para elaborar sua obra.

Acredita-se que o termo fenomenologia foi empregado pela primeira vez em 1764, por Joham Lambert (1728-1777), na obra “Neues organon”, intitulada “Fenomenologia ou aparência ilusória e suas variedades” (BOAVA, 2006) Tal obra traz todo o fundamento do saber empírico, cabendo à fenomenologia distinguir entre a aparência e a verdade. Depois de Lambert, muitos filósofos utilizaram o termo, com variadas acepções, como Kant, Hegel, Eduard von Hartmann, entre outros.

Contudo, foi Husserl quem cunhou o termo com o sentido que atualmente é conhecido, dando um conteúdo novo a uma palavra já antiga. Em suas “Investigações lógicas” (1900-1901) e obras sucessivas, Husserl criou uma nova escola filosófica, que incluiria, entre outros, Scheler, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty (BOAVA, 2006).

A fenomenologia permite que a filosofia transforme-se em uma “ciência do rigor”, que analise o conteúdo da consciência que se manifesta intencionalmente à mesma, com a finalidade de se chegar a uma nova forma de filosofar. Trata-se de

uma tentativa elucubradora para resgatar o contato original com o objeto, que se perdeu em especulações metafísicas abstratas ou reduções matemáticas. Capalbo (1996, p. 38-39) acredita que:

A fenomenologia não possui uma ortodoxia. Ela se questiona constantemente, ela se diversifica, mas fundamentalmente tenta conservar a unidade de sua atitude metodológica, que pode ser aplicada nos diferentes setores do conhecimento, tais como a psiquiatria, a psicanálise, a lingüística, a antropologia, o serviço social etc. [...] Ela instaura a atitude dialogal e do acolhimento do outro em suas opiniões, idéias e sentimentos, procurando colocar-se na perspectiva do outro para compreender e ver como o outro vê, sente ou pensa. Esta afirmação traduz uma orientação metodológica nas ciências humanas: a da compreensão dos fenômenos, que se opõe à orientação formal, conduzindo à matematização dos fatos sociais (CAPALBO, 1996, p. 38-39).

A proposta de Husserl é acabar com a naturalização da consciência, considerando que fatos psíquicos não se equiparam aos fatos físicos (SARDI, 2001, p. 14). O filósofo poderá, então, "ir às coisas mesmas", à procura de "exprimir aquilo que é dado diretamente na consciência". A fenomenologia descreve e interpreta o significado e a relevância da experiência humana. A consciência, aqui, difere daquela propugnada pelos kantianos e neokantianos. Para estes, segundo Mora (1963), a referida consciência era assimiladora, ao passo que em Husserl a consciência intencional é como um farol que projeta sobre as aparências aspectos ou aquilo que se apresenta à mesma.

Abbagnano (1993, p.76) afirma que a obra de Husserl é assentada sobre os seguintes pontos: a) é uma ciência teórica (contemplativa) e rigorosa, isto é, "fundamentada", no sentido de ser "dotada de fundamentos absolutos"; b) é uma ciência intuitiva, porque tenta apreender essências que se apresentam à razão, de uma forma análoga àquela em que as coisas se apresentam à percepção sensível; c) é uma ciência não-objetiva e, por isso, completamente diferente das outras ciências particulares, que são ciências dos fatos ou das realidades (físicas ou psíquicas), enquanto que ela prescinde de qualquer fato ou realidade e se preocupa apenas com essências; d) é uma ciência das origens e dos primeiros princípios, dado que a consciência contém o sentido de todos os possíveis modos como as coisas podem ser dadas ou constituídas; e) é uma ciência da subjetividade, porque a análise da consciência se dirige para o eu como sujeito ou pólo unificador de todas as intencionalidades constitutivas; f) é uma ciência impessoal, porque "os seus colaboradores não têm necessidade de prudência, mas de dotes teóricos". Como observa Abbagnano (1993), esses aspectos definem a filosofia na forma como ela foi entendida por Husserl, mas não o conjunto do movimento fenomenológico, como será visto adiante.

Para entender a fenomenologia, é necessário compreender que o homem é um "doador de sentido" ao mundo. Deve-se "avançar para as próprias coisas" (coisas = aquilo que é dado à consciência). Este dado é o fenômeno que aparece à consciência. O fenômeno, portanto, é o objeto da investigação fenomenológica, sendo a intuição o instrumento de conhecimento (VERA, 1978, p. 63). A intuição só é possível devido à intencionalidade da consciência (toda consciência é consciência de algo). A consciência não opera no vazio; daí, para haver objeto, há que ter um sujeito e vice-versa. O fundamental para a fenomenologia é a busca dos significados das experiências que chegam à consciência.

Em sua sexta "Investigação lógica", assim se expressou Husserl ((1988), p. 176):

[...] chamaremos de "fenômeno" tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu: a fenomenologia é, por conseguinte, a doutrina das vivências em geral, abrangendo também a doutrina de todos os dados, não só os genuínos, mas também os intencionais, que podem ser evidenciados nas vivências (HUSSERL, 1988, p. 176).

Com o desenvolvimento da fenomenologia desde a sua criação, resulta que, atualmente, existem basicamente cinco tendências filosóficas dominantes, segundo Embree *et al.* (1996):

- a) fenomenologia descritiva – abordagem reflexiva, evidencial e descritiva tanto dos encontros como dos objetos como encontrados. Criada por Husserl, em suas “Investigações lógicas”;
- b) fenomenologia realista – busca as essências universais de vários tipos de assuntos, incluindo as ações humanas, os motivos etc.;
- c) fenomenologia constitutiva – utilização da filosofia das ciências naturais na fenomenologia. Aplicação das chamadas redução fenomenológica e redução eidética, visando suspender a aceitação do estado pré-dado da vida consciente como algo que existe no mundo. Surgiu com a obra de Husserl *Idéias relativas a uma fenomenologia pura e a uma filosofia fenomenológica*;
- d) fenomenologia existencial – aplicação de conceitos como ação, conflito, desejo, finitude, opressão e morte. Desenvolveu-se com Heidegger, a partir da obra *Ser e tempo*, tendo ainda expoentes como Merleau-Ponty, Levinas, Sartre, entre outros;
- e) fenomenologia hermenêutica – também derivada do *Ser e tempo*, considera que a existência humana é interpretativa. A temática desta tendência filosófica inclui todas as que já estavam nas fases anteriores, diferindo somente na ênfase dada à hermenêutica, ou método de interpretação.

As fenomenologias realista e constitutiva desenvolveram-se na Alemanha, nos anos ao redor da I Guerra Mundial. No âmbito dessas fenomenologias, destaca-se Schütz (1972; 1979) e sua fenomenologia social, para quem a tarefa da fenomenologia consiste em descrever os processos de estabelecimento e interpretação de significado tal como os realizam as pessoas que vivem no mundo social.

A fenomenologia existencial teve lugar na França, após a II Guerra Mundial. Basicamente, o existencialismo tem como característica a tentativa de incluir, no âmbito da investigação filosófica, a mundanidade e as angústias do homem.

A fenomenologia hermenêutica foi influente nos Estados Unidos, a partir dos anos 1970 e 1980. Nela, a interpretação toma lugar central, e é entendida, segundo Ricoeur (1979), como sendo um trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente e em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal.

Assim, nesta investigação, adota-se a fenomenologia hermenêutica, de cunho existencial. Sobre o assunto, Rey (1997, p. 12) assim se expressou:

A partir de Heidegger se enfatiza a inseparabilidade da expressão e da ação do sujeito, a qual conduz a compreender os sentidos que se reconstróem na interpretação hermenêutica; são aqueles que o sujeito está produzindo durante sua ação. A interpretação hermenêutica desenvolvida por Heidegger expressa uma ênfase do existencial na produção de conhecimento sobre o homem (REY, 1997, p. 12).

Essa abordagem busca a relação entre a essência e o fenômeno pesquisado, por meio do círculo hermenêutico: interpretação – compreensão – nova interpretação. Entender é um processo circular, que se dá por meio desse círculo, o qual tem um elemento de intuição, sendo necessário um conhecimento prévio mínimo sobre o tema para compreender o que se pesquisa. Sem isso, não é possível entrar no círculo.

Nesse ponto, Ricoeur (1988) demonstra que a passagem do discurso à escrita é a passagem do dizer ao dito. O texto apresenta uma vida própria, que pode se desviar daquilo que o locutor queria dizer, sendo uma espécie de objetivação do discurso, em virtude de ter perdido as características subjetivas do locutor. Assim, há uma libertação das palavras do indivíduo que escreve, quando da leitura por outrem. O indivíduo que escreve contribui com as palavras, e o leitor com a significação.

O que torna a interpretação possível é a existência de símbolos de linguagem, registrados sobre papel. É por isso que, para Ricoeur (1979, p. 15), a interpretação é um trabalho do pensamento que busca decifrar o sentido oculto no sentido aparente. Já o símbolo é toda estrutura de significação em que um sentido

direto, primário e literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário e figurado, que só pode ser apreendido pelo primeiro.

Heidegger (1999) afirma que o círculo hermenêutico é o fundamento de toda a possibilidade de apreensão humana. Tal círculo possibilita a descrição da inteligibilidade dos seres humanos, ou seja, as possibilidades de compreensão do homem, considerando aquilo que ele é. Assim, Gomes (1989) observa que o que se espera de uma pesquisa fenomenológica é a descoberta do novo, do desconhecido e até mesmo de uma possibilidade não pensada.

Spiegelberg (1984), considerado o maior historiador sobre o movimento fenomenológico, na parte introdutória de sua obra *The phenomenological movement*, afirma que não há uma doutrina filosófica chamada "fenomenologia", mas sim um método fenomenológico que é, em primeiro lugar, uma forma de ir contra o reducionismo. Neste livro, o autor traz um elenco dos passos usados por vários fenomenólogos em suas investigações, a saber:

- 1) Investigar os fenômenos particulares: basicamente, consiste em intuir, analisar e descrever. Intuir representa o esforço de se concentrar sobre o objeto, evitando que se perca a visão crítica. Analisar é delimitar os elementos e a estrutura do fenômeno obtido na intuição. Não se trata de separá-los em partes, mas sim distinguir os constituintes do fenômeno, assim como a exploração de suas relações e de suas conexões com os fenômenos adjacentes. Descrever, por sua vez, se baseia em uma classificação dos fenômenos. A descrição por negação é o modo mais simples de indicar a unicidade e a irredutibilidade do fenômeno.
- 2) Investigar as essências gerais: não há intuição da essência adequada sem a intuição antecedente. Para ter a essência geral, deve-se considerar os particulares como referência.
- 3) Captar as relações essenciais entre as essências: usa-se a chamada variação imaginativa livre, que consiste em abandonar alguns componentes e substituí-los por outros.
- 4) Observar os modos de aparição: há três sentidos de aparência: a) o lado ou aspecto de um objeto, a partir do todo; b) a aparência do objeto pode estar deformada, o que se chama de perspectiva; c) os modos de clareza, seus graus ou nitidez podem ser diferentes. Isto se aplica, principalmente, a áreas periféricas do campo fenomenal.
- 5) Explorar a constituição dos fenômenos: determinar o caminho seguido para que o fenômeno se estabeleça e tome forma na consciência. Busca-se determinar a estrutura de uma constituição na consciência por meio de análise de seus passos.
- 6) Suspender a crença no fenômeno: consiste em suspender o juízo sobre a existência ou não existência do fenômeno (corresponde à suspensão momentânea da faculdade de avaliar), para verificação desse fenômeno sob nova perspectiva. Assume-se uma atitude neutra, visando refletir e questionar, de forma a possibilitar apreender novo sentido sobre fatos que não tinham sido vistos e observados anteriormente.
- 7) Interpretar as significações ocultas: a hermenêutica busca interpretar o sentido de certos fenômenos. Todo estudo das estruturas intencionais consiste em uma análise interpretativa e na descrição das significações dos atos conscientes. Heidegger (1999) demonstra que certas estruturas do ser humano possuem significação.

Os três primeiros passos são adotados por praticamente todos os fenomenólogos, enquanto os demais são praticados conforme a orientação filosófica que o pesquisador adotar. O passo 6 é a redução fenomenológica, e o passo 7 é praticado pelos adeptos da fenomenologia hermenêutica.

A seguir, demonstrar-se-á de que maneira Guerreiro Ramos apropriou-se da fenomenologia para desenvolver seus estudos.

Conceitos Fundamentais Fenomenológicos na Obra de Guerreiro Ramos

Fazendo uso de metáfora, pode-se dizer que se a obra de Guerreiro Ramos fosse uma casa, suas colunas de sustentação seriam fenomenológicas. As lajes seriam sociológicas e as paredes, o acabamento, o telhado e demais constituintes seriam de outros ramos do saber, como economia, psicologia etc. Só que as colunas de uma casa ficam veladas, escondidas sob o revestimento. Não é possível saber, por exemplo, qual a profundidade e as dimensões das colunas. No máximo, há indícios. Para se verificar como são as colunas (lembrando que não há uma planta da casa), deve-se necessariamente quebrar algumas paredes e cavar alguns buracos. Destarte, valendo-se do princípio fenomenológico de "ir às coisas mesmas", analisar-se-ão três dessas colunas, ou seja, redução, mundo e existencialismo.

Redução

Trata-se da mais importante apropriação que Guerreiro Ramos fez da fenomenologia, em virtude de ser o fundamento de suas obras. Ao se verificar os prefácios dos livros *Administração e contexto brasileiro* (1983, p. XIII) e *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações* (1981, p. XVII), Guerreiro Ramos deixa claro que todo seu pensamento foi elaborado a partir da chamada redução sociológica. Diz o autor sobre o primeiro livro:

Se me fosse perguntado qual o seu principal propósito, diria que consiste numa tentativa de formular as bases preliminares de uma ciência administrativa fundada no que tenho chamado de redução sociológica (GUERREIRO RAMOS, 1983, p. XIII).

Sobre o segundo, traz a seguinte afirmação:

Este livro é resultado de minhas pesquisas sobre a redução sociológica no terceiro sentido. O tema já tinha sido esboçado em meu estudo de 1958, Situação atual da sociologia, que constitui o apêndice I de *A redução sociológica...* (GUERREIRO RAMOS, 1981, p. XVII)

Mas, quais são os três sentidos de que trata o autor? A resposta encontra-se no prefácio da segunda edição de *A redução sociológica*:

1) redução como método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira [...] 2) redução como atitude parentética, isto é, como adestramento cultural do indivíduo, que o habilita a transcender, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma [...] 3) redução como superação da sociologia nos termos institucionais e universitários em que se encontra (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 11-12).

Para a interpretação desses sentidos, há a necessidade de se compreender a redução na fenomenologia. Esta está associada à *Noesis*, que é o nome que se dá ao ato de perceber (o *cogitatio*), e *Noema*, que representa o que é percebido (o *cogitatum*). Assim, o que se investiga é um fenômeno de consciência (*noema*). A redução fenomenológica busca limitar o conhecimento ao fenômeno da experiência de consciência. Para isso, procura desconsiderar o mundo real, em uma espécie de suspensão do juízo; em outras palavras, o põe "entre parênteses". Mas, o que significa isso? O homem se encontra no mundo, foi lançado nesse mundo e nele vive. Chama-se atitude natural, e é o modo pelo qual esse homem percebe, interpreta e age no mundo em que vive. Trata-se de um modo ingênuo de existir, que faz com que a humanidade acredite que as coisas são como se mostram, não havendo dúvidas em relação a isso. Assim, há os padrões de comportamento e as certezas das coisas.

A redução fenomenológica proporciona ao investigador suspender a crença no mundo exterior, seja da forma pela qual ela é vista pelos seres humanos no dia

a dia, seja pelo modo como é vista pelos teóricos, filósofos ou cientistas. Assim, ocorre uma ruptura com a visão de mundo estereotipada, ocorrendo a possibilidade de se atingir autonomia em relação ao mundo e à consciência que dele se possui. Uma atitude crítica.

Isso se deu em virtude do criador da fenomenologia, o matemático Husserl, procurar estabelecer uma base epistemológica para a filosofia, que a converteria em uma "ciência do rigor". Para tanto, criou o chamado "método fenomenológico". A consciência é a condição *sine qua non* de qualquer conhecimento, e é "intencional" ("toda consciência é consciência de algo"). Para Husserl (1990), o trabalho do filósofo é a superação das atitudes naturalistas e psicologistas, a partir da apreensão das essências das coisas, as quais podem ser reconhecidas por meio de regras sistemáticas que definem a variação dos objetos na imaginação.

Guerreiro Ramos transplantou essas idéias para o campo sociológico. Assim, buscava o autor, nos três sentidos básicos da redução sociológica, fazer uma assimilação crítica do patrimônio sociológico "alienígena" (estrangeiro) para analisar a realidade nacional. Conseqüentemente, a partir dessa assimilação, haveria a possibilidade de se abstrair daquilo que aparentemente era "natural", dessa "verdade" fabricada, para uma outra, construída por meio de um ponto de vista livre, autônomo e crítico. Finalmente, Guerreiro Ramos propunha com isso, uma nova sociologia, que superasse aquela que se encontrava em sua época, e pudesse, assim, repensar a existência do povo brasileiro em sua singularidade, o qual vivia, naquele momento, um significativo marco histórico de desenvolvimento - o da industrialização.

Guerreiro Ramos não buscava uma sociologia fenomenológica, pois ele mesmo demonstra que outros autores já o faziam, como Scheler, Schütz, Geiger, Litt, Gurvitch etc. (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 94). Merece atenção, nesta ponderação, o destaque que Guerreiro Ramos faz de Gurvitch, em virtude de tal autor ser citado recorrentemente, em vários de seus trabalhos, mostrando, assim, a grande influência deste em sua obra.

[Gurvitch] Aplica simplesmente a redução fenomenológica no domínio social. Procede assim à fenomenologia do social, o que corresponde a "uma decomposição imanente, atravessando em profundidade as camadas superpostas da realidade social" em busca de "dados cada vez mais imediatos do social" (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 95).

Mas por que Guerreiro Ramos não buscava uma sociologia fenomenológica? Ele mesmo, reiteradamente, afirmou que não era um fenomenólogo no sentido estrito, pois, a seu ver, a redução foi "originalmente uma intuição básica, resultante de nossa condição de intelectual brasileiro, sensível à tarefa de fundamentação teórica da cultura nacional" (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 31). Para Guerreiro, todo aquele que se dedica aos estudos sociológicos precisa ter conhecimentos elementares da fenomenologia, mas ele mesmo não se considerava um fenomenólogo. E insiste: "a redução sociológica não é, exatamente, aplicação da redução husserliana no estudo do social"; "a redução sociológica, embora permeada pela influência de Husserl, é algo diverso de uma ciência eidética do social" (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 35, grifo do autor).

Diverso em que sentido? Justamente por esse distanciamento da redução eidética em sua obra. Ou seja, na fenomenologia, além da redução fenomenológica, há a chamada redução eidética. A partir do conhecimento e estabelecimento do *noema*, pode-se avançar em direção às coisas mesmas, a essência (*eidós*). Isso é necessário em função da subjetividade, que faz com que o pesquisador possa sofrer limitações no campo fenomenal, já que a realidade criada na consciência, por si só, não é capaz de elucidar o fenômeno.

É preciso conhecer as essências dos atos de consciência e estabelecer suas relações com atos de consciência de outros seres. Trata-se, assim, da aplicação do método fenomenológico ao próprio investigador e seus atos. Bochenski (1957) afirma que a redução eidética deve ser efetuada da seguinte maneira, por parte do pesquisador: eliminando-se todo o grau possível do subjetivo, assumindo ati-

tude objetiva frente ao dado; excluindo o teórico, eliminando momentaneamente toda a hipótese, teoria, ou outro conhecimento prévio; excluindo as tradições das ciências e das autoridades humanas; buscando ver todo o dado e não somente alguns aspectos do objeto; e descrevendo o objeto, analisando suas partes.

Com isso, o objetivo é atingir a essência, o *eidós*. Assim, a realidade, em função da livre consideração de todas as possibilidades que a razão descobre, perde as características individuais e se revela uma essência constante e invariável.

É nesse idealismo e transcendentalidade que Guerreiro Ramos tem dificuldade de trabalhar, e por isso ele acaba se distanciando de uma sociologia fenomenológica, ao contrário de Gurvitch (1977, 1979). Para Guerreiro, sua tarefa, como sociólogo, era “descolonizar” a sociologia brasileira, assim, sua ação era orientada para o mundo concreto, para a transformação social. Sua identificação, então, passa a ser com um existencialismo engajado (lembrando que o existencialismo surgiu dentro da fenomenologia), especialmente com Sartre (1966;1997). Com esse autor, Guerreiro Ramos tem muitas afinidades, mas acaba deixando em plano secundário, talvez por questões religiosas, já que Sartre era da corrente do existencialismo ateu e Guerreiro, segundo Azevêdo (2006), era muito católico.

De todo modo, pode-se dizer que a redução fenomenológica significa, para Guerreiro Ramos, o modo de ver, compreender e transformar o mundo. Sem ela, não haveria os desenvolvimentos subseqüentes de sua obra, em função de não haver o modo de pensar fenomenológico próprio que ele desenvolveu.

Mundo

Deve-se a Heidegger a visão de mundo que Guerreiro Ramos desenvolveu. O conceito *ser-no-mundo* de Heidegger (1999) foi internalizado e ampliado, para incluir também o *ser-do-mundo* (que pode transformar a realidade). Espitia (2000) apresenta uma análise dos fundamentos da fenomenologia de Heidegger, os quais se baseiam nos seguintes pressupostos filosóficos sobre a pessoa e o ser humano:

- 1) Os seres humanos têm mundo: *estar no mundo* é existir, é estar envolvido, comprometido. Habitar ou viver no mundo é a forma básica de *ser-no-mundo* do ser humano. O mundo está constituído e é constitutivo do ser. Os seres humanos têm um mundo que é diferente do ambiente, da natureza ou do universo onde eles vivem. Esse mundo é um conjunto de relações, práticas e compromissos adquiridos em uma cultura. A linguagem torna possível as formas particulares de relacionar-se e sentir que possuem valor em uma cultura. Habilidades, significados e práticas têm sentido graças ao mundo compartilhado dado pela cultura e articulado pela linguagem. Tal conhecimento ou familiaridade é o que Heidegger (1999) chama *mundo*. O mundo não se movimenta, permanece estático e só se nota em situações de ruptura ou destruição. Os mundos em que vivem as pessoas não são universais e atemporais, pelo contrário, são diferentes segundo a cultura, o tempo ou época histórica, e a família em que se nasce.
- 2) A pessoa como um ser para quem as coisas têm significado: a maneira fundamental das pessoas viverem no mundo é através da atividade prática. Heidegger (1999) descreve dois modos pelos quais os seres humanos estão envolvidos no mundo. O primeiro é aquele no qual as pessoas estão completamente envolvidas ou submersas na atividade diária sem notar sua existência; nesse caso, as pessoas estão comprometidas com coisas que têm significado e valor de acordo com seu mundo. Em contraste, o segundo modo é aquele no qual as pessoas são conscientes de sua existência. A significância ou significado das coisas se baseiam nas distinções qualitativas reconhecidas pela pessoa em sua vida diária. Essas distinções qualitativas podem ser moldadas pela cultura e pela linguagem.

- 3) A pessoa é um ser autointerpretativo: os seres humanos são seres capazes de interpretar a si mesmos, porém em uma forma não teórica. O são porque as coisas têm importância para eles. Quando os seres humanos expressam e atuam frente àquilo que estão comprometidos ou lhes interessa, tomam uma posição sobre quem são. Os interesses ou inquietudes da pessoa ilustram o que é importante e preocupante em uma situação específica. Conhecer e compreender o que rodeia o ser humano é uma maneira fundamental de *ser-no-mundo*. As pessoas entendem e captam significados do que as rodeiam mediante a linguagem. A linguagem serve para representar-se a si mesmo e ao mundo, e constitui a vida. A linguagem representa, articula e faz com que as coisas se manifestem e, ao fazê-lo, molda nossas vidas.
- 4) A pessoa como corporalidade: para a fenomenologia, mais que ter um corpo, a pessoa é corporal. Ser humano é ter uma inteligência corporal que torna possível involucrar-se habilmente nas situações. As práticas comuns se baseiam em capacidades perceptivas corporais compartilhadas.
- 5) A pessoa como um ser temporal: Heidegger (1999) concebeu a pessoa como *ser-no-tempo*. Este tempo não é o tempo linear ou a sucessão infinita de *agoras* como geralmente se pensa nas culturas ocidentais. O autor chama ao tempo *temporalidade*, e o tempo é constitutivo do ser ou existência. O tempo linear dificulta conceber a continuidade ou a transição; faz crer que os seres e as coisas que existem são estáticas e atemporais.

Assim, o mundo é a arena em que o sociólogo poderá praticar a redução, a fim de reconhecer a importância das vivências histórico-sociais em busca de suas formulações de caráter universal (NUNES, 1996, p. 196-197). O mundo não é apenas uma sucessão de fatos onde as coisas ocorrem, mas é também "a dimensão temporal dos atos e valores humanos estruturados em processo histórico" (NUNES, 1996, p. 195).

Com isso, pode-se afirmar que mundo e contexto sócio-histórico se equivalem na obra de Guerreiro Ramos. Como sociólogo engajado, tanto em *A redução sociológica* como em *Administração e contexto brasileiro*, o autor se preocupa com aspectos culturais, sociais e históricos do Brasil de sua época, com as transformações pelas quais o país passava e a inabilidade de teorias "alienígenas" que explicavam essa realidade. Esse mundo se caracterizava por um desenvolvimento desigual nas diversas regiões do país, o que faz do Brasil ser chamado pelo autor como uma "sociedade prismática".

A partir desse conceito de sociedade prismática, Guerreiro Ramos vai desenvolvendo seu pensamento sobre questões como o formalismo e a "sociologia do jeito", no sentido de compreender o nosso país e pensar numa estratégia de articular as sociedades periféricas – no caso, o Brasil – com o mundo. Assim, ele, Guerreiro Ramos, *ser-no-mundo* e *ser-no-tempo*, *estava-no-mundo*, consciente de sua existência e engajado em compreender o mundo em que vivia e, por que não, transformá-lo.

Heidegger, desse modo, influencia Guerreiro Ramos ao propor a superação da tradição metafísica de mundo, em que se considerava tal mundo apenas como objeto. Na verdade, o mundo é dinâmico, e o homem está inexoravelmente inserido nele.

Existencialismo

O platonismo e o cristianismo foram filosofias que obtiveram sucesso na separação do corpo e da alma, dicotomizando corpo e consciência. Além disso, estabeleceram uma hierarquia em que a consciência poderia dominar as vontades e paixões advindas do corpo. O racionalismo de Descartes também preconizava tal situação (SARDI, 2001). Com o advento do existencialismo isso mudou, de for-

ma que o homem ganhou lugar nas discussões. Isso ocorre devido ao conceito de intencionalidade da consciência.

Basicamente, o existencialismo tem como característica a inclusão da realidade concreta do homem (sua mundanidade, angústia, desespero etc.) no centro da investigação filosófica, em antagonismo com os racionalistas, que acabam com a subjetividade individual em estruturas conceituais abstratas e universais. Em outras palavras, as especulações voltam-se para aspectos fundamentais da existência, que privilegiam a dimensão de finitude na humanidade: a liberdade, a morte, o compromisso, a responsabilidade etc.

O objeto da reflexão é o homem em sua existência concreta, a partir de uma situação determinada, mas não necessária (o "ser-para-outro"; "ser-no-mundo" etc.). O homem, condenado a ser livre em função de não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como o realizador de sua vida, o dono do próprio destino, submetido a limitações do dia a dia. Por sua vez, como método filosófico, apresenta um pensamento especulativo, com a elaboração de teorias filosóficas a partir de conceitos abstratos. Utiliza a fenomenologia e busca-se o dado, o realmente percebido, com descrição daquilo que se manifesta na humanidade.

O momento histórico conturbado de seu surgimento (entre as duas grandes guerras mundiais) foi determinante para que os filósofos existencialistas dessem uma conotação muito particular de seus pressupostos, o que influenciou sobremaneira o modo de ver o mundo de inúmeras pessoas. *Ex-sistere* é o termo em latim equivalente a existência. Significa o vir a constituir-se e a manter-se (*sistere*) provindo de um (*ex*) outro. Basicamente, a existência é o devir, o devir do homem (SEVERINO, 1986, p. 239).

Abbagnano (1993, p.128) demonstra que Kierkegaard e Husserl foram os precursores do existencialismo. Do primeiro, os existencialistas valeram-se da categoria fundamental de que se serve na análise da existência, a possibilidade, considerada principalmente no seu caráter ameaçador e paralisante, que é devido ao fato de tornar problemática a relação do homem com o mundo e de excluir de tal relação a garantia de um sucesso infalível. Ao passo que do segundo, utilizaram a ontologia apofântica, ou a concepção de um ser (mundo) que se revela melhor ou pior ao homem segundo estruturas que constituem o modo de ser do próprio homem.

Porém, o primeiro existencialista foi Heidegger. Este tinha por objetivo estabelecer uma ontologia a partir da compreensão primária do ser que possibilita auscultá-lo e interrogá-lo para obter sucesso em determinar, plena e completamente, o sentido do ser (ABBAGNANO, 1993, p.137).

Sartre (1966) afirmou que a existência precede a essência. Em outras palavras, pode-se dizer que o homem surge no mundo, encontra a si próprio, existe, para apenas e tão-somente depois se definir. O homem será aquilo que fizer de si mesmo (o autor chama isso de subjetividade), não há condicionantes extrínsecos. O ser humano é um projeto que se faz gradualmente. Conseqüentemente, define-se pelo conjunto dos seus atos. Em resumo, o indivíduo é que se faz.

Diversos autores observam a influência do existencialismo na obra de Guerreiro Ramos (BARIANI JR., 2008; MARTINS, 2008; AZEVÊDO, 2006), principalmente em função de seu trabalho no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). No período do Governo Juscelino Kubitschek (1956-60), Guerreiro Ramos associou-se com Hélio Jaguaribe, Álvaro Vieira Pinto, Cândido Mendes, Nelson Werneck Sodré, entre outros, para formarem o ISEB dentro da estrutura do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e produzir uma ideologia desenvolvimentista para o Brasil. Ali ele dirigiu o Departamento de Sociologia do Instituto e orientou seus estudos para um desenvolvimento de cunho nacionalista. Exerceu até uma certa "liderança intelectual" no Instituto, conforme sugere Toledo (1997), mas desligou-se em 1958, justamente quando este vivia a fase que mais o caracterizaria, a fase do nacional-desenvolvimentismo.

O que Guerreiro Ramos buscava com isso era um engajamento, uma forma consciente de tomar partido e procurar mudar o mundo. De ser-no-mundo, o inte-

lectual evolui para ser-do-mundo. Conscientemente, escolhe entre as várias opções disponíveis. Como projeto, somente se realiza caso possa transformar a realidade. Assim, por exemplo, a atitude parentética (GUERREIRO RAMOS, 1963; 1984) surge para fazer com que o homem possa separar-se de suas circunstâncias internas e externas. O homem parentético prospera quando termina o período da ingenuidade social. Tal homem seria, por assim dizer, fenomenológico.

Em última instância, o homem parentético busca a liberdade. Trata-se, portanto, de uma possibilidade, uma possibilidade de transformação pessoal, para que se atinja a transformação social. As organizações, coercitivas, acabam por inibir a plena expressão do indivíduo; mister se faz um caminho para a libertação, que é obtida pela atitude parentética. Neste sentido, Vattimo (1987, p. 25) afirma que se deve considerar o *ex-sistere* como estar fora, ultrapassar a realidade presente na direção da possibilidade.

Para se compreender adequadamente o engajamento de Guerreiro Ramos, deve-se considerar sua relação com o existencialismo:

[...] o trabalho intelectual de Guerreiro Ramos visava sempre um objetivo a curto prazo, era a tentativa de juntar um pensamento que fosse ao mesmo tempo acadêmico, erudito, e uma arma de ação política e de poder. Só assim podemos entender, por exemplo, a grande utilização de autores existencialistas e fenomenológicos, presentes não só na obra de Guerreiro Ramos, mas na de vários de seus contemporâneos. O objetivo era constituir uma ciência social que fosse ao mesmo tempo engajada, participante e não marxista [...] era importante diferenciá-la de uma ciência social que fosse meramente universitária, a-crítica [...] A França do pós guerra proporcionava, evidentemente, os ingredientes intelectuais para esta tentativa, graças à preeminência de Sartre, por um lado, e à sociologia de base fenomenológica de Georges Gurvitch, por outro. É aí que a *Redução Sociológica* encontra suas raízes, em seu esforço de chegar à fenomenologia alemã via seus divulgadores franceses, e como fundamentação para um tipo novo de ciência social autêntica, nacionalista e participante (SCHWARTZMAN, 1983, p. 30-4).

Como observado, Guerreiro Ramos absorveu do existencialismo seu modo crítico de ver o mundo, para que lhe possibilitasse romper com o sistema vigente e fizesse uma sociologia autêntica, voltada para a transformação social, e que tivesse uma visão crítica para as "verdades" prontas e muitas vezes dogmáticas, pois para o autor, "o marxismo transcende Marx, o existencialismo transcende Heidegger, Jaspers, Sartre, a fenomenologia transcende Husserl" (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 36). De certa forma, Guerreiro Ramos não se deixava vestir pelos rótulos, pois seu compromisso era com a comunidade humana, para que ela pudesse preservar para si sua identidade e memória.

Assim, esse autor não se limitava a estudar a realidade brasileira de forma distante, mas também se engajava politicamente. Assessorou presidentes da República, candidatou-se a cargos eletivos e não se restringia a publicar seus estudos na imprensa acadêmica. Também usava com frequência a grande imprensa diária para se posicionar em relação às questões sociais, políticas e culturais mais agudas do país. Para ele, só assim, o intelectual poderia contribuir com o desenvolvimento nacional.

Considerações Finais

Como apresentado ao longo deste trabalho, Guerreiro Ramos valeu-se da fenomenologia para elaborar sua obra. Além dos três constituintes apresentados (redução, mundo e existencialismo), há outros, tais como perspectivismo, razão, consciência, finitude, má-fé, angústia, liberdade etc. Porém, os três aqui discutidos possibilitam uma análise propedêutica que poderá servir de subsídio para debates posteriores.

O importante é compreender que a apropriação que Guerreiro Ramos fez da fenomenologia foi em dois sentidos principais: como possibilidade de pensamento

e como construtora de idéias. Sobre a primeira apropriação, parafraseando Heidegger (1973), observa-se que a fenomenologia é uma possibilidade do pensamento que, periodicamente, se transforma e somente assim permanece: de corresponder ao apelo do que deve ser pensado. Nas palavras desse autor, se a “fenomenologia for assim compreendida e guardada, então, pode desaparecer como expressão, para dar lugar à questão do pensamento, cuja manifestação permanece um mistério” (HEIDEGGER, 1973, p. 499). Desse modo, Guerreiro Ramos, a partir da fenomenologia, desenvolveu sua maneira de ver e pensar a realidade de forma fenomenológica. Se não o fosse, teria optado por abandonar a redução. Mas o que se viu é que, até o fim da vida, foi usuário de tal método, nos três sentidos discutidos neste artigo: na crítica à assimilação direta da produção sociológica estrangeira, na defesa da expressão livre e autônoma do homem e na superação da sociologia institucional da forma como se encontrava. Vale dizer que essa discussão está presente até hoje no seio da academia.

Sobre a segunda apropriação, a fenomenologia como construtora de idéias, está relacionada à questão da possibilidade do pensamento, pois ao se pensar de um modo, necessariamente se desenvolverá um modo de construir as idéias de forma similar. Exemplo disso é o homem parentético. Da redução, surgem os parênteses. Desses parênteses, a atitude parentética, e de tal atitude, o homem.

Em relação aos três pilares fenomenológicos (redução, mundo e existencialismo) e, conseqüentemente, os três principais filósofos (Husserl, Heidegger e Sartre), é difícil dizer qual é o mais importante para Guerreiro Ramos. Andrews (2000) acredita que seja Husserl; já Azevêdo (2006) vê no existencialismo/humanismo (espécie de mescla entre Heidegger e Sartre, com outros filósofos) influência mais acentuada. O mais significativo vai depender da perspectiva que se adotar para analisar a questão. Caso se considere aspectos puramente epistemológicos, o mais proeminente é Husserl. Já nos aspectos ontológicos, Heidegger se destaca. E Sartre se sobressai em relação ao comprometimento e ao engajamento.

De todo modo, não é possível dizer que Guerreiro Ramos foi fenomenólogo. Na verdade, ele utilizou a fenomenologia, apropriou-se de alguns conceitos, transformou-os e deu vida a uma forma peculiar de enxergar a realidade. Em suas próprias palavras, o “que tomamos de Husserl foi menos o conteúdo filosófico do seu método do que um fragmento de sua terminologia” (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 35).

Mas, se ele não foi um fenomenólogo no sentido estrito, foi, sem dúvida, um sociólogo engajado, que visava a transformação social. Dotado de grande capacidade analítica, foi um teórico das ciências sociais. Porém, como ocorre com frequência na academia com aqueles que estão à frente de seu tempo, foi incompreendido em sua época. Isso ocorreu por motivos variados, desde a incapacidade de seus pares em compreender o que ele queria dizer (por inadequado preparo filosófico), e até por motivações ideológicas.

Nota-se que Guerreiro Ramos buscou, incessantemente, construir uma sociologia que continha elementos filosóficos. Na academia, proliferaram-se trabalhos que analisam a vertente sociológica, sendo escassos os que abordam a vertente filosófica. Situa-se nesse ponto, discutido preliminarmente, a contribuição deste estudo: a demonstração da via filosófica de Guerreiro Ramos. Porém, não se trata de um trabalho que vise esgotar o tema, mas sim, iniciar uma discussão sobre aspectos, como dito anteriormente, “esquecidos”, e que, inclusive, chegaram a ser negligenciados.

Referências

- ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. Portugal: Editorial Presença, 1993. v. XIV.
- ABRANCHES, A. M. *Nacionalismo e democracia no pensamento de Guerreiro Ramos*. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ANDREWS, C. W. Revisiting Guerreiro Ramos's *New science of organization* through Habermasian lenses: a critical tribute. *Administrative theory & praxis*, v.22, n. 2, p. 246-272, 2000.

AZEVÊDO, A. *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BARBOSA, M. S. *Guerreiro Ramos e o personalismo negro*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARIANI JR., E. *A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias* (Florestan e Guerreiro Ramos). 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

_____. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

BOAVA, D.L.T. *Estudo sobre a dimensão ontológica do empreendedorismo*, 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

BOCHENSKI, I. M. *Los métodos actuales del pensamiento*. Madrid: Rialp, 1957.

BONDARIK, R. *Os modelos de homem de Alberto Guerreiro Ramos e os paradigmas produtivos do século XX: conexões perceptíveis presentes na obra de Alberto Guerreiro Ramos*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2007.

CANDLER, G. G. Linguistic diglossia in public administration? Race and "critical assimilation" in the work of Alberto Guerreiro Ramos. 2002. *Conference of the American society for public administration*, Phoenix, 23 march, 2002.

CAPALBO, C. *Fenomenologia e ciências humanas*. Londrina: Eduel, 1996.

CARVALHO, L. D. P. *O equilíbrio de antagonismos e o niger sum: relações raciais em Gilberto Freyre e Guerreiro Ramos*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CRUZ, J. S. Guerreiro Ramos e a institucionalização democrática brasileira. In: SENTO-SÉ, J. T.; PAIVA, V. *Pensamento social brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2005.

EMBREE, L.; et al. *Encyclopedia of phenomenology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

ESPITIA, E.C. La fenomenología interpretativa como alternativa apropiada para estudiar los fenomenos humanos. *Revista Investigación y Educación en Enfermería*, Universidad de Antioquia: Medellín, v. XVIII, n.1, p. 27-35, 2000.

GOMES, W. B. O critério metodológico da fenomenologia estrutural na análise de depoimentos. *Psicol. Reflex. Crit*, 4 (1/2), p.98-102, 1989.

GUANABARA, R. *Sociologia, nacionalismo e debate intelectual no Brasil pós-45*. 1992. Dissertação (Mestrado), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

GUERREIRO RAMOS, A. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora ANDES, 1957.

_____. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

_____. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.

_____. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

_____. *Administração e estratégia do desenvolvimento*: elementos de uma sociologia especial da administração. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1966.

_____. *A nova ciência das organizações*: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

_____. *Administração e contexto brasileiro*: esboço de uma teoria geral da administração. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983.

_____. Modelos de homem e teoria administrativa. *Revista de administração pública*, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr./jun, 1984.

_____. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

_____. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

GURVITCH, G. *Tratado de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. Vol. I e II.

_____. *A vocação actual da sociologia*. Lisboa: Cosmos, 1979. Vol. I e II.

HECKSHER, M. H. *Guerreiro Ramos: sociólogo da sociologia nacional (um diálogo com Florestan Fernandes)*. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

HEIDEGGER, M. Meu caminho para a fenomenologia. In: Coleção *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *A idéia da fenomenologia*. Portugal: Edições 70, 1990.

KAMEL, J. A. N. *Para uma engenharia de produção substantiva*. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MAIO, M. C. A questão racial no pensamento de Guerreiro Ramos. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R. V. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fio Cruz/Centro Cultural BB, 1996. p. 179-194.

_____. Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 127-163, 1997.

MARTINS, T. G. *Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos: para além de um debate*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MATOS, B. T. P. Diálogo de surdos: academia e política na trajetória de Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos. *Caderno Linhas Críticas*, Brasília, n. 3 e 4, p. 149-171, jul. 1996.

MORA, J.F. *La filosofía en el mundo de hoy*. Madrid: Revista de Occidente, 1963.

NUNES, B. Considerações sobre a redução sociológica. In: GUERREIRO RAMOS, A. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 189-200.

PETERS, L. A. S. *Guerreiro Ramos e dádiva: explorando caminhos críticos em análise organizacional*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

RAGO, E. J. *O nacionalismo no pensamento de Guerreiro Ramos*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

REY, F.G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana: EPE, 1997.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. *O discurso da acção*. Lisboa: Editora 70, 1988.

SARDI, J. A. *Una perspectiva analítica sobre el contexto educacional de la UFOP: educación, subjetividad e exacerbación de los placeres*. 2001. Tese (Doutorado), ICCP, Habana, 2001.

SARTRE, J. P. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1966.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHÜTZ, A. *Fenomenologia del mundo social: introducción a la sociologia comprensiva*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

_____. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHWARTZMAN, S. Contribuição de Guerreiro Ramos para a sociologia brasileira. In: *Revista de Administração Pública*, FGV, Rio de Janeiro, 17, n. 2, p. 30-34, abr./jun., 1983. Disponível na internet: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/gramos.htm>> Acesso em 04 de junho de 2009.

SERVA, M. *Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas*. 1996. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1996.

SEVERINO, E. *A filosofia contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1986.

SOUZA, M. F. *A construção da concepção de desenvolvimento nacional no pensamento de Guerreiro Ramos*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

_____. *Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional: a construção de um projeto para a nação*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SPIEGELBERG, H. *The phenomenological movement*. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1984.

TOLEDO, C. N. *ISEB: fábrica de ideologias*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

VATTIMO, G. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VENTRISS, C.; CANDLER, G. G. Alberto Guerreiro Ramos, 20 years later: a new science still unrealized in an era of public cynicism and theoretical ambivalence. *Public Administration Review*, v. 65, n. 3, p. 347-359, may./jun., 2005.

VERA, A. A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1978.

Artigo recebido em 28/06/2009.

Artigo, aprovado, na sua versão final, em 06/12/2009.